

Apresentação

Marcelo Augusto Totti

Como citar: TOTTI, Marcelo Augusto. Apresentação. *In* : TOTTI, Marcelo Augusto (org.). **100 anos de Florestan Fernandes** : legado de ciência e militância. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 7-14. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p7-14>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

APRESENTAÇÃO

Florestan Fernandes foi um dos poucos intelectuais que tiveram sua obra discutida de modo tão caloroso e sistemático, tanto nos meios acadêmicos, intelectuais e na militância política. Sua contribuição ao campo das Ciências Sociais e ao entendimento da sociedade brasileira é inestimável, percorrendo temas e áreas que atravessam com um intercurso teórico rico e uma articulação ímpar. Essa característica privilegia o debate em torno da obra do sociólogo sob diversos ângulos, interpretações e matizes teóricas, constituindo um campo fértil ao trabalho do pesquisador interessado nos grandes problemas da sociedade brasileira.

O I Encontro sobre pensamento social brasileiro da Unesp de Marília: 100 anos do nascimento de Florestan Fernandes procurou retomar as Jornadas de Ciências Sociais realizadas pela Unesp de Marília que marcaram época nas Ciências Sociais brasileira com discussões de pensadores de relevo que interpretaram o nosso país e sua estrutura social de diversos ângulos, matizes teóricas e ideológicas diversas. Foi em uma dessas jornadas que Florestan Fernandes teve sua obra discutida e lançou sua candidatura a deputado constituinte. Na mencionada jornada realizada entre os dias 22 a 24 de maio de 1986, discutiu-se a obra do sociólogo de diversos ângulos e pontos de vista, as conferências e debates desse importante evento foram transcritas no livro *O Saber militante*, que se tornou uma das principais <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p7-14>

referências de estudo do autor com interpretações clássicas de sua obra. Desses debates surgiram duas interpretações que marcaram as análises da obra de Florestan Fernandes, uma delas foi de Gabriel Cohn (1987, p.49) que salientou “três modalidades básicas de tipos de que orientam a busca da explicação sociológica – associados aos três grandes mestres, Weber, Durkheim e Marx.”. De outra perspectiva, na mesma Jornada, Bárbara Freitag (1987, p.164) partiu daquilo que denominou de uma “ruptura epistemológica” na obra de Florestan distinguindo “uma fase acadêmico-reformista de uma fase político-revolucionária. Biograficamente, o momento do corte coincide com sua aposentadoria compulsória pelo AI-5, em 1968.”.

Essa amplitude de interpretações denota a riqueza dos debates que ocorreram na jornada de Marília em 1986, propiciada, evidentemente pela magnitude da obra de Florestan Fernandes. A magnitude da obra do sociólogo pode ser evidenciada no relato de Carlos Guilherme Mota em conversa com Eric Hobsbawm sobre as dificuldades para se compreender a história e as possibilidades do processo de abertura política vivenciada sob a ditadura civil-militar, “o grande historiador sorriu discretamente, fazendo notar que um dos cinco maiores intérpretes de nossa época, embora estivesse no Canadá, era brasileiro: Florestan Fernandes” (MOTA, 1998, p.11).

Nosso intuito, para além de um evento comemorativo, foi contribuir para o debate e aprofundamento dos estudos em torno da obra do sociólogo e partir de suas análises para entender os desafios que marcam a sociedade brasileira contemporânea, aprofundada por uma crise política, social e econômica que assola o país. O alto nível das exposições e debates, nos grupos de trabalho, nas mesas redondas podem ser consubstanciados nos textos que compõem esse livro e fizeram jus ao pensamento e a obra de Florestan Fernandes.

Organizado em quatro seções vinculadas as mesas e aos debates do evento, procurou-se debater a obra do sociólogo sobre diversos ângulos e temáticas. A primeira seção denominada *Educação, relações raciais e construção de uma sociologia crítica*, buscou abordar temáticas fundamentais no pensamento e a constituição da chamada sociologia crítica. O capítulo

de Débora Mazza resgata o itinerário da educação no pensamento de Florestan, distante de inédito, a análise da questão educacional no sociólogo perpassa a tradição das reformas estaduais nos anos 1920, o movimento dos pioneiros na educação, da participação de inúmeros intelectuais na coordenação de órgãos institucionais como demonstra no texto o legado de Anísio Teixeira e Lourenço Filho. Mazza trabalha com o conceito de mudança social permeando as diversas fases da produção do sociólogo, tendo como fundamento empírico a formação social brasileira e como material analítico o modo de produção da vida material e imaterial das relações sociais vigentes.

Paulo Henrique Fernandes Silveira trabalha a questão do negro, temática muito cara e importante a Florestan Fernandes. O autor retoma a polêmica com Guerreiro Ramos partícipe do Teatro Experimental do Negro, que cobrava originalidade da sociologia brasileira ao questionar a pesquisa patrocinada pela Unesco lideradas por Roger Bastide e Florestan Fernandes. Paulo Silveira retoma os pressupostos da pesquisa da Unesco, o debate sobre o negro no pensamento social brasileiro e a influência de Gilberto Freyre para destacar a ausência de similaridade e de que a pesquisa sobre os negros não sucumbiu aos interesses de seu patrocinador, algo posto em dúvida por Guerreiro Ramos, mas, ao contrário, além de contrariar os objetivos iniciais da Unesco abriu um diálogo constante e fortuito com o movimento negro.

A partir do conceito cunhado por Caio Navarro de Toledo “obra documento”, Paulo Henrique Martinez realiza um percurso histórico do papel do intelectual e do militante em Florestan Fernandes, tendo como parâmetro o ano de 1986, ano de lançamento de sua candidatura constituinte. A partir dessa data concentra-se no período de 1978 a 1986, período em que coordenou a coleção *Grandes Cientistas Sociais*, realizou o curso na PUC (Pontifícia Universidade Católica) e inúmeros projetos. O texto de Martinez dá pistas e sugere caminhos a serem explorados e investigados nesse recorte histórico, suscitando uma série de possibilidades aos interessados na obra de Florestan Fernandes.

A seção II - O debate com o Iseb, retoma um período central na formação da Sociologia que foi o debate entre a “escola de sociologia

“paulista” liderada por Florestan Fernandes e o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB) tendo como principal liderança nesse debate Guerreiro Ramos. Os textos reunidos nessa seção não se concentraram apenas nesse debate, mas deram um panorama mais amplo da formação do Instituto e da sua importância para a formação das Ciências Sociais no Brasil. O texto de Caio Navarro de Toledo, *O significado e a presença do Iseb no Brasil dos anos 1950 e 1960*, resgata a importância cultural e ideológica inovadora do Instituto na história política do Brasil. O autor ao partir de um contexto histórico apresenta o que denominou de “ideias força”, ideologia, alienação e as bases da nacional-desenvolvimento são chaves para entender o caráter inovador do Instituto. Diante disso, Caio Navarro traça um paralelo entre ISEB e a USP de controvérsias públicas que são silenciadas sintomaticamente, descortinando uma relação conflituosa e de nenhuma colaboração. Angélica Lovatto analisa os Cadernos do Povo Brasileiro e seu obscurecimento na literatura e nas pesquisas acadêmicas, sua hipótese consiste no fato da chamada “escola de sociologia paulista” ignorar tais escritos e produções, visto que na concepção da escola uspiana os isebianos não faziam ciência e sim ideologia. Assim, não haveria necessidade de estabelecer diálogo com os isebianos. Para isso, a autora percorre os debates e centra-se nos conceitos de autonomismo e populismo desenvolvidos pelos autores alinhados a “escola de sociologia paulista” entendendo-os como uma crítica manipulatória e de pouco caráter construtivo. O capítulo escrito por Marcelo Augusto Totti recupera o debate entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes como elemento crucial na formação da sociologia brasileira. Essa discussão se desdobra sobre a noção de ciência e no caráter metodológico da disciplina.

A seção III – intitulada Socialismo e militância política concentra os textos sobre as análises da estrutura da sociedade da capitalista e militância política em prol da superação da sociedade de classes e da construção do socialismo. O texto de Marcos Tadeu Del Roio trabalha a partir do conceito de desenvolvimento e dependência e das discussões oriundas na Cepal ao qual analisa a particularidade da posição de Florestan Fernandes, como os processos de dominação externa, capitalismo, classes sociais e poder dual e a questão do intelectual englobam os temas que

fizeram o sociólogo dar uma guinada e pensar que a saída para a América Latina seria uma saída revolucionária e socialista. Haroldo Ceravolo Cereza em seu capítulo *Florestan Fernandes, a ciência como política, a política como ciência* recobre aspectos da trajetória recuperando a tensão intrínseca entre ciência e política, mas do que pensar em polos distintos de vocações ao modo weberiano, Ceravolo encontra em Wright Mills e Michael Burawoy a essência da sociologia pública dedicada as questões candentes da sociedade e ao encontro da imaginação sociológica aos problemas profundos da realidade brasileira ao qual se dedicou Florestan Fernandes. Adelar João Pizetta, em seu capítulo *Capitalismo dependente, revolução burguesa e socialismo no pensamento de Florestan Fernandes*, realiza uma leitura contemporânea de quem denomina o patrono da sociologia brasileira, priorizando uma leitura no âmbito dos movimentos sociais e populares e do movimento dos trabalhadores sem-terra (MST). Pizetta destaca na obra de Florestan Fernandes o conceito de “circuito fechado”, dadas as características de dominação externas e internas adotadas pela burguesia brasileira, impedindo qualquer tipo de avanço civilizacional ao proletariado e as classes subalternas. Dentro desse quadro de “circuito fechado” não restaria alternativas, senão o processo revolucionário dentro da ordem e contra a ordem.

Selma Rocha, no capítulo *Florestan Fernandes e o processo Constituinte (1987-1988)*, trabalha o papel do sociólogo enquanto deputado constituinte ainda abordado de forma tímida na literatura especializada, a autora retoma o papel dos trabalhos de Florestan na Constituinte, sua importância e participação nas comissões que tiveram papel decisivos nas questões ligadas à defesa das liberdades democráticas, da educação, dos direitos civis, políticos e sociais.

A seção IV – *Capitalismo dependente, autocracia e revolução burguesa*, reúne capítulos de Francisco Luiz Corsi, Anderson Deo e Roberto Leher, destacam o papel do capitalismo dependente na formação social brasileiro. O capítulo de Francisco Luiz Corsi destaca o papel das análises de Florestan Fernandes na dinâmica da sociedade de classes e seu processo de desenvolvimento. Luiz Corsi aborda o conceito de desenvolvimento capitalista de Florestan Fernandes na crítica realizada a Caio Prado Jr

e demais correntes do pensamento social brasileiro que abordaram a questão do desenvolvimento. Retomando as origens do passado colonial de cunho escravocrata e estamental sob dominação externa, o capitalismo dependente sob a égide do imperialismo total impunha algumas alternativas: a manutenção da ordem social vigente, o aperfeiçoamento de um capitalismo de Estado capaz de levar a cabo lentas transformações dentro da ordem e a revolução socialista, que seria contra a ordem. Certamente, Florestan Fernandes optou pela última alternativa. Anderson Deo em seu texto *O sentido da autocracia burguesa no Brasil* retoma o conceito de sentido da colonização de Caio Prado Jr. e aponta similaridades entre o outro conceito desenvolvido por Florestan Fernandes de autocracia Burguesa. O capítulo de Roberto Leher *Capitalismo dependente, Revolução burguesa e universidades* destaca os conceitos de capitalismo dependente e revolução burguesa apontando o papel das Universidades abordando dentro dos dilemas vivenciados atualmente na sociedade brasileira, de crise político/econômico e social e intervenção do governo Bolsonaro nas universidades. Como se vê nesta breve apresentação, o I Encontro sobre pensamento social no Brasil: 100 anos de Florestan Fernandes foi um momento ímpar e fértil, marcado por um conjunto difícil de crise política, social e sanitária com mais quinhentos mil brasileiros mortos em função de uma política do governo federal inepta e genocida, que jogou o país no caos, levando milhares de brasileiros a se contaminarem e perderem a vida. Os textos aqui reunidos muito além de manterem acesa as ideias de Florestan Fernandes denotam a atualidade do seu pensamento, das suas ideias e de suas análises sobre a estrutura social brasileira. Mais do que comemorar, precisamos retomar as ideias e atuar na construção de uma sociedade mais igualitária, justa e fraterna, que nas ideias de Florestan Fernandes é a construção do socialismo!

Boa leitura a todas e todos!

Marcelo Augusto Totti
(organizador)

REFERÊNCIAS

COHN, Gabriel. O ecletismo bem temperado. *In: D'INCAO, M. A. (org.). O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.

FREITAG, Bárbara. Democratização, universidade, revolução. *In: D'INCAO, Maria Angela. O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; São Paulo: UNESP, 1987.

MOTA, Carlos Guilherme. Florestan: memória e utopia. *In: MARTINEZ, Paulo Henrique. Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998.

